

União da Juventude Comunista Revolucionária



58% de chumbos na aptidão

A OFENSIVA DA BURGUESIA E DO IMPERIALISMO NO ENSINO, EXIGE A UNIDADE E LUTA DE TODOS OS ESTUDANTES PORTUGUESES.

O Governo de Mário Soares e o seu instrumento para o ensino Sottomayor Cardia, já deram a conhecer aos estudantes e ao país qual a política que vão seguir no próximo ano lectivo. Ainda as aulas não tiveram início, na esmagadora maioria dos casos, e já o MEIC faz sentir a sua política reacção para o ensino. Esta política não é nova; ela é a continuação directa das medidas reacção aplicadas no ano passado e o reflexo de novas e maiores exigências dos imperialistas, sobre o governo conciliador e vendido do PS.

A limitação do acesso ao ensino aumenta. Do total dos estudantes candidatos à Universidade, 58% foram reprovados. Em Lisboa esta percentagem foi ainda maior: 65%. Isto enquanto a percentagem de reprovações nos candidatos aos cursos de Ciências atingia um número nunca visto: 89%. As medidas que tendem a restringir o acesso ao ensino são uma característica do sistema capitalista. Elas visam limitar ainda mais o ingresso dos filhos dos trabalhadores aos diversos graus de ensino e em particular ao ensino superior. Objectivam ainda limitar o número de estudantes universitários segundo aquilo que é lucrativo para os sanguessugas do capital. O ensino continua a ser privilégio de uma minoria. A burguesia faz dele um comércio lucrativo. Mas a situação que os candidatos à Universidade vivem hoje é ainda mais grave. A selecção a que estão sujeitos tem um carácter de excepção. Há muito que um quadro de reprovações tão grave e alarmante não aparecia. As conquistas de Abril no campo do alargamento e democratização do ensino estão em causa. O direito ao ensino da juventude estudantil está gravemente ameaçado. Os anseios de promoção cultural de largos sectores da juventude estão frustrados. Isto atesta bem o carácter retrógrado e obscurantista do actual governo e do regime económico-social dominante.

De ano para ano, diminuem as vagas nas escolas superiores. Isto enquanto o número de candidatos aumenta. A introdução do numerus clausus, o ano propedéutico e as reprovações em massa são uma e a mesma coisa: subordinação das classificações dos candidatos ao número de vagas existentes. Também neste campo a situação actual é de excepção. Candidato que não obtem "dez" a Português é considerado reprovado. Os testes são elaborados por professores que nem sequer estão a par das matérias dadas pelos candidatos, tornando mais rigorosa a selecção. A revisão de provas é considerada ilegítima. Chega-se ao cúmulo de ignorar as classificações de outras disciplinas quando nas chamadas "eliminatórias" não se atinge a nota exigida. O governo de Soares com todas estas medidas, agrava a selecção, traz a incerteza no futuro a milhares de jovens estudantes e desemprego a tantos outros.

Esta política reacção do MEIC contraria brutalmente as necessidades de instrução e cultura do país e do povo português. Mais de um milhão de analfabetos exigiam medidas imediatas para acabar com este flagelo. Uma assistência médica e social precária, exigia novas escolas e novos métodos. Uma indústria fraca e dependente, exigia técnicos, engenheiros e cientistas que incrementassem a investigação científica e a pesquisa nacional que combatesse neste campo a nossa vergonhosa dependência em relação ao imperialismo. Uma agricultura arcaica, requeria agrónomos formados no espírito de servir o povo e a Reforma Agrária, que dessem um impulso decisivo à agricultura nacional, de norte a sul do país e nas ilhas. Mas o governo opta por um caminho diametralmente oposto: trata de destruir todas as conquistas obtidas depois do 25 de Abril e de pôr em marcha um projecto ultra-reacção mais ambicioso do que o do próprio Veiga Simão. Acabou com a gestão democrática reintegrou numeroso grupo de professores fascistas saneados ao mesmo tempo que afastava os democratas e anti-fascistas. Os professores são colocados em difícil situação económica; a selecção em todos os graus de ensino acentua-se; as próprias liberdades políticas e de associação são ameaçadas; o orçamento para o ensino é substancialmente reduzido. Em suma: o governo às exigências dos imperialistas e faz do ensino e da cultura, mercadorias que vende ao imperialismo em troca de empréstimos ruinosos.

De forma sistemática e revoltante, o governo vem submetendo o nosso ensino aos interesses económicos e políticos dos monopólios ianques e oeste-alemães. É sabido que está a ser negociado um acordo económico entre o governo e o Fundo Monetário Internacional. Pode-se dizer hoje com toda a convicção, que uma das exigências desses sanguessugas sem escrúpulos

é redução significativa do orçamento para o ensino e a sua consequente elitização. O imperialismo começa, sob a capa de "ajuda desinteressada", a interceder directamente na actividade do próprio MEIC. Os conselheiros técnicos estrangeiros pululam já no sistema de educação. Em consequência disto, é previsível que o ataque às organizações democráticas dos estudantes se acentue. O seu estrangulamento económico e a repressão policial actuaram em conjunto e separadamente nessa ofensiva. Tentarão mesmo desvirtuar projectos de organização nacional dos estudantes, tão importantes como é a UNEP. Os instrumentos da burguesia no seio do movimento estudantil (PPD e CDS) tudo farão para o conseguir.

Grande é a disparidade entre as aspirações e anseios da juventude estudantil e a situação em que a burguesia e o imperialismo colocou o ensino. Enorme é também a revolta dos estudantes para com ela.

Por isso os estudantes candidatos à Universidade se erguem em luta. A UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA REVOLUCIONÁRIA, destacamento juvenil do PCP(R) saúda com entusiasmo os estudantes em luta. A solução do vosso problema não se encontra na expectativa ou nas negociações, mas sim na luta

O caminho de luta indicado pelos companheiros do Porto e de Lisboa é justo. Hoje, para avançar, é preciso trazer às assembleias e às manifestações os milhares de estudantes prejudicados pelas medidas de selecção do MEIC. Para que a luta possa ser vitoriosa, é necessário que todos os estudantes do secundário e das academias façam ouvir a sua solidariedade para com os milhares impedidos de entrar na Universidade. A experiência tem mostrado que é pelo isolamento que a burguesia tem derrotado e confundido muitas lutas. Por isso é preciso contrariar essa manobra. Solidariedade para com os candidatos à Universidade!

Mas é necessário também desmascarar, aqueles que, como os revisionistas da UE"C" se lançam numa grande campanha fantoche contra os exames de aptidão, quando até agora nunca o tinham feito. Os revisionistas vestem agora uma roupagem muito "radical" para, de seguida, virarem as costas à luta e a traírem. As suas posições são determinadas pela política de pressão sobre o governo soaristas e não pela vontade de lutarem ao lado dos estudantes pela obtenção das suas aspirações.

A luta actual adquire um grande significado político. Ela une num só caudal as quatro grandes bandeiras de luta dos estudantes portugueses neste ano lectivo.

Unidade e luta em defesa das conquistas de Abril. Fim à gestão fantoche imposta pelo MEIC; contra a reintegração dos fascistas saneados; amplo poder às assembleias democráticas dos estudantes, professores e empregados; contra os ataques ao movimento democrático dos estudantes; amplas liberdades políticas nas escolas.

Unidade e luta contra a selecção burguesa. Contra o regresso à selecção do vinte e quatro de Abril; entrada de todos os estudantes na Universidade; anulação do ano propedêutico; contra o numerus clausus; imposição dos métodos de avaliação contínua.

Unidade e luta contra o imperialismo. Contra as ingerências do F. M. I. no ensino.

Unidade e luta para a construção da UNEP. A construção da UNEP é uma exigência de há muito do movimento estudantil e uma necessidade para que as lutas deste ano se saldem em vitórias. A UNEP tem que surgir na luta e solidariedade dos estudantes portugueses. Ela é o instrumento imprescindível para que as batalhas em defesa das conquistas de Abril, contra a selecção burguesa, e contra o imperialismo se unam estreitamente à luta popular.

A luta actual dá a conhecer aos senhores do poder a disposição de luta dos estudantes portugueses. Profundamente convicta da vitória da classe operária e do povo e da conquista do 25 de Abril do povo e da Democracia Popular e do Socialismo, a UJCR chama todos os estudantes a unirem-se ao movimento popular.

13/10/77

O Conselho Nacional da UJCR

